



Caipora
Lápis sobre sulfite

Ensaio sobre o **DESGOSTO**

Em alto-alemão, a palavra para desgosto é *Herzschmerz*, a qual, por sua vez, se forma mediante a junção das palavras *Herz* (em alemão todos os substantivos começam com maiúscula), que significa coração e *Schmerz*, que significa dor. Também vem de *Schmerz* o verbo *doer*, o qual se escreve *Schmerzen*.

Sabemos, ainda, que o alemão é uma língua flexional do ramo germânico do médio-leste da Europa (DALLA PRIA, 2006). Desse modo, sua relação de parentesco o situa mais próximo ao inglês e ao neerlandês do que às línguas romances em geral. Curiosamente, o parentesco linguístico o coloca também mais aparentado do norueguês, do sueco e do islandês (línguas germânicas do Norte) do que do francês, com que a terra de Goethe faz fronteira.

Aparentemente, a significação de tais parentescos é de pouca relevância para o leigo;



Ariel Montes Lima

Ariel é pessoa trans non-binary, psicanalista, escritora e professora. Em 2022, publicou os livros *Poemas de Ariel* (TAUP), *Sínteses: Entre o Poético e o Filosófico* (Worges Ed.) e *Ensaio Sobre o Relativismo Linguístico* (Arche). Atua como professora bolsista de língua espanhola na UFMT, além de coordenar o Projeto Ikebana Cultural, do qual foi membro-fundadora.

Contato: (65) 99934-0423

digo: para os não-linguistas. Porém, nos façamos entender. Em francês, a palavra para desgosto é *dègoût*; em italiano e espanhol, *disgusto*; em inglês *disgust*. Todas essas formas partilham de uma estrutura básica, na qual se constata a presença de uma base à qual se antepõe um prefixo negativo (BASÍLIO, 2016). Desse modo, as poderíamos reduzir, de uma maneira generalizante, ao modelo: Não- X.

Portanto, em todas as línguas acima citadas, a dor do desgosto pode ser compreendida no âmbito estrutural do idioma como *desprazer*; palavra essa, inclusive, que se forma pela mesma estrutura. No âmbito lexical, temos um o verbo gostar, que melhor atende à definição aqui evidenciada.

O substantivo gosto, ainda pode estar associado à capacidade de despertar reação palatal. Uma comida, portanto, tem um gosto que lhe é peculiar. Em sentido extensivo, ainda lhe podemos atribuir a carga semântica de preferência pessoal, ou ainda como uma constituição estética. Nesses termos, são possíveis frases como:

Se de gosto vem gostoso –o que tem bom sabor-, então a amargura –mau sabor- situa-se também em um mesmo lugar simbólico do desgosto.

O gosto do boldo é amargo.

O gosto de cada um não se discute.

Espero que o quarto esteja ao seu gosto.

Desse modo, a carga semântica vinculada à ideia de desgosto em muito se vincula, por exemplo, quando empregamos termos correlacionados em como:

Foi um desprazer conhecer o Pedro.

Senti um enorme dissabor ao saber da morte do meu tio.

Minha mãe ficou amargurada com a ideia de mudar de cidade.

Observemos que as duas primeiras sentenças compartilham da estrutura negativa básica do radical. A segunda, mais do que isso, ainda traz um radical de sentido análogo ao gosto (sabor). A terceira, por sua vez, se relaciona com o desgosto mediante um antônimo mais sutil. Se de gosto vem *gostoso* –o que tem bom sabor-, então a amargura –mau sabor- situa-se também em um mesmo lugar simbólico do desgosto.

Contudo, em uma contraface germânica, o neerlandês apresenta a palavra *hartzeen*. Essa, assim como o alemão, representa a união de *hart* (coração) e *zeen* (dor). Compete com ela ainda a forma *gebroken hart*, que consiste num participio passado do verbo quebrar em função adjetiva aliado ao substantivo. Destarte, o termo se pode traduzir também como *coração quebrado*, *coração partido* ou *coração rompido*. Tais termos encontram uma semelhança com a expressão homônima do português, porém se veem mais abrangentes no neerlandês; não se limitando, pois, ao sentido amoroso do termo.

A respeito dos dois idiomas citados, Ocker (2022, p. 40) argumenta que “a própria negação semântica não ocorre nas línguas. Os conceitos ali expressos se articulam como coisas distintas (A e B), e não como A e Não-A”. Essa reflexão nos insere em um problema: o que poderíamos chamar de etnodependência do significado.

Como elementos sustentantes dessa ideia, precisamos levar em conta, ao menos, dois fatores –objeto de interesse desse ensaio-: a importância da palavra enquanto signo constituído e a relatividade do pensamento linguístico.

Sobre o primeiro tema, Humboldt (1972) trata acerca do papel das formas

linguísticas na concepção do significado. Em oposição, Saussure (2012) argumenta pela arbitrariedade dos signos linguísticos. Contudo, o que nos interessa não é a existência de uma fundamentação metafísica para as associações linguísticas (como buscou Platão no diálogo Crátilo), mas sim o valor atribuído aos signos uma vez dispostos no “jogo do idioma”. Assim, é inegável a relação aposteriorística de relativa causalidade entre os signos uma vez determinadas as regras de um idioma (CARVALHO e BARBOSA, 2021).

No que tange ao segundo tema, diz Sena do Carmo (2023, p. 515) que:

a língua de um indivíduo exerce influência com a sua maneira de apreender o mundo e de influenciar o seu pensamento acerca da realidade. Destarte, diferentemente do que alguns linguistas e psicólogos afirmam, a tese da relatividade linguística refuta a ideia da existência de propriedades inatas universais comum a todas as línguas humanas.

Assim sendo, pois, nos vemos diante da insolubilidade dos sentidos. Isto é: há uma celeuma filosófica diante da subjetividade imanente no que há de mais humano na linguagem: a representação. A língua, nesse ponto, quando confrontada sobre sua aparente fixidez, demonstra ser, ao seu modo, também subjetiva.

Curiosamente, contudo, tal subjetividade encontra graus de (des)compartilhamento que nos oferecem valiosas noções do *modus pensandi* de determinadas sociedades. Essa noção vai para além da leviana noção de alteridade comumente pensada. Trata-se de uma concepção de mundo complexa, formada por conjuntos semióticos organizados que podem tanto incluir como excluir elementos de seu universo.

Em suma, é provável que essa que vos escreve, latina e lusófona, não saiba jamais esclarecer com precisão o quão

sofrido é padecer de uma *Herschmerz*; eu que só senti brasileiros desgostos. Se bem que, como professora e escritora, o desgosto tem se tornado, cada vez mais, um companheiro de entardeceres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASÍLIO, Margarida. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. **Veredas Revista de Estudos Linguísticos**. V. 4, n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25314>. Acesso em: 28 de mar. 2023.

CARVALHO, Cid Ivan da Costa; BARBOSA, José Roberto Alves (Org). **TEORIAS LINGÜÍSTICAS ORIENTAÇÕES PARA A PESQUISA**. Mossoró : EdUFERSA, 2021.

DALLA PRIA, Albano. TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA LÍNGUAS ANALÍTICAS E LÍNGUAS SINTÉTICAS. **SOLETRAS**, Ano VI, Nº 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006. disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4652/3431>. Acesso em: 28 de mar. 2023.

HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. **Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas – Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular**. Tradução de Carmen Artal. Barcelona: Anagrama, 1972.

OCKER, Ariel Von. **ENSAIOS SOBRE RELATIVISMO LINGÜÍSTICO**. Editora Arche. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/8039/3132>. Acesso em: 30 de mar. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo, Cultrix. 2012.

SENA DO CARMO, L. Relativismo e universalismo linguístico: algumas considerações sobre linguagem e pensamento. **Diversitas Journal**, [S. l.], v. 8, n. 1, 2023. DOI: 10.48017/dj.v8i1.2403. Disponível em: https://www.diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2403. Acesso em: 30 mar. 2023.